



## O GEORREFERENCIAMENTO DOS MARCOS HISTÓRICOS DO CONTESTADO NO MUNICÍPIO DE LEBON RÉGIS

Thyago Weingantner de Oliveira Ramos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca abordar as possibilidades de se desenvolver o turismo na região do Contestado como uma alternativa para a redução da desigualdade, tendo em vista o potencial histórico-cultural, bem como, a singular paisagem do sertão caboclo. A principal problemática que norteou o trabalho foi a inserção de informações acerca dos Marcos Históricos do Contestado, no município de Lebon Régis. A inserção dos monumentos em uma plataforma de amplo acesso visa não somente trazer luz acerca das localidades, como também tornar acessível, de forma democrática, a localização dos monumentos, seja para o interesse público ou para o interesse privado que podem, a partir do acesso ao georreferenciamento dos Marcos Históricos do Contestado, averiguar a sustentabilidade e dimensionar novos projetos turísticos para a região.

**Palavras-chave:** Georreferenciamento; Marcos Históricos do Contestado; Lebon Régis.

### INTRODUÇÃO

A presente proposta faz parte de um pequeno conglomerado de análises e visitas de campo e busca-se fundamentar, principalmente, em obras já publicadas visando, em sua integridade, abranger e desenvolver a potencialidade histórica da região do Contestado a partir do processo de mapeamento e georreferenciamento dos Marcos Históricos do Contestado. O projeto de georreferenciamento foi elaborado, inicialmente, em julho de 1986 pelo professor Nilson Thomé e agora, em transição para plataformas digitais, tem a intencionalidade de tornar as localidades onde se registram acontecimentos importantes na Guerra do Contestado (1912-1916) acessíveis através do *Google Maps*.

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Pitágoras Unopar. Especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Caçador. E-mail – thyagoweingantner@gmail.com



Este é um importante processo em construção, pois visa romper com o silenciamento da história local e suprir a necessidade de possibilitar o acesso, com o uso da tecnologia, aos sítios históricos. Vislumbra uma gama de possibilidades que abrangem diferentes setores da sociedade, tais como: o turismo, a história, a cultura, o desenvolvimento regional e sustentável, a preservação patrimonial, entre outros.

Quando abordamos, dentro da regionalização, o território do Contestado se faz necessária uma breve explicação sobre a origem da denominação, a ocupação do território e outras características que se relacionam com a história do Contestado. Thomé (1995) destaca que “a primeira vez que se utilizou a expressão região do Contestado para caracterizar o meio-oeste de Santa Catarina foi no ano de 1974, quando da criação do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado”. É importante ressaltar que nos vales e grotões, bem como nas margens dos rios, importantes agrupamentos humanos se desenvolveram, sendo o território habitado há cerca de dez mil anos por homens que pouco, ou quase nada, interferiam na natureza convivendo em harmonia ela (THOMÉ, 1995).

A problemática principal que orienta este artigo fundamenta-se a partir de ampla pesquisa bibliográfica e, também, em atividades de campo, bem como entrevistas com pessoas que residem ou conhecem os locais onde importantíssimos fatos relacionados à Guerra do Contestado aconteceram e que imprimiram a sua marca na história do Contestado e na história do Brasil. O principal eixo norteador do presente artigo é a dificuldade logística em encontrar e acessar os sítios onde se fixaram acontecimentos relacionados a fatídica Guerra do Contestado (1912 -1916). Vários autores, ao pesquisarem o assunto, relatam em suas obras a dificuldade quanto ao acesso, tal como Fraga (2015) que, para acessar as localidades, “fez uso de mapas intitulados como Cartas do Brasil, confeccionadas em 1973, portanto, desatualizados”. É importante destacar



aquí que não se pretende abordar o processo de apagamento da História, por interesse das elites locais, mas sim, evidenciar e facilitar o acesso por meio de um amplo processo de georreferenciamento dos sítios históricos do Contestado.

Além de reinsserir essas paragens em uma plataforma tecnológica de fácil acesso, busca-se apresentar formas e possibilidades de desenvolvimento desses locais como uma forma de democratização do acesso à informação, à cultura e a preservação da memória de um povo e, consecutivamente, o zelo pelo patrimônio material e imaterial. Nesses lugares, localizados no município de Lebon Régis – SC, importantes fatos que permeiam a história, seja no aspecto municipal, estadual ou em âmbito nacional, aconteceram. A principal pergunta que orienta esta breve introdução é a seguinte: onde estão localizados os Marcos Históricos do Contestado e do que tratam tais monumentos no município de Lebon Régis? Dito isto, passamos a segunda parte buscando compreender a importância de tais locais, o que se sucedeu neles e as possibilidades de desenvolver o turismo histórico, o turismo de guerra e o turismo rural como alternativa para a redução da desigualdade na região.

Para preservar os monumentos, em uma breve contextualização, segundo Lemos (1983), é interessante avaliar que: “preservar é manter livre de perigo e dano, defender ou resguardar”, seja o patrimônio material ou imaterial, e a primeira questão enfrentada, seja por um pesquisador ou por um turista, é, como chegar nas localidades. A região do Contestado é muito grande e no período do conflito “abrangeu uma área de aproximadamente 28 mil quilômetros quadrados”, segundo Valentini (2015). Porém, o que implica real dificuldade é a falta de sinalização ou de indicações sobre como chegar aos locais. No município não há um museu, não há uma casa de atendimento ao turismo e, muito menos, algum tipo de *folder* com informações turísticas.



A territorialidade é um importante elemento para se entender a Guerra do Contestado, região de litúgio, primeiramente entre Brasil e Argentina, e depois pelos estados de Santa Catarina e Paraná e, de forma mais regionalizada, entre os posseiros e a empresa estadunidense *Southern Brazil Lumber Company*. Auras (1997) destaca que “a transformação da terra em bem de produção acarretou a institucionalização da propriedade privada, em detrimento da simples ocupação ou posse”. A posse da terra, motivo de disputa e contestação, levou à eclosão da Guerra do Contestado.

As expulsões de sertanejos pobres de suas terras, além dos desmandos dos grandes coronéis, contribuíram para um quadro social que veio a desencadear o conflito. Muitos desses sertanejos expulsos de suas terras eram acostumados às agruras da vida, que eram apenas superadas pelo seu brio e a sua fé inabalável na figura de diferentes monges e profetas que peregrinavam pelo sertão catarinense. Os monges que singravam o sertão, como o monge João Maria, tinham por hábito o costume de dormir próximo de fontes de água onde, muitas vezes, batizavam e benziam essas águas, passando a ser consideradas santas pelos caboclos, e que se encontram, em alguns casos, preservadas até hoje, como é o caso da fonte de água do Monge João Maria na Serra da Esperança, região interiorana do município de Lebon Régis, da qual falaremos adiante.

Na segunda metade da década de 80 o professor e historiador Nilson Thomé, em parceria com o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, lançou um projeto ousado que visava o resgate e a preservação do patrimônio histórico e cultural. Especificamente em 1986 apresentou ao Governo Estadual o projeto intitulado: “Marcos Históricos do Contestado”, tendo por intencionalidade “a preservação da memória regional [...] a necessidade atual de serem demarcados todos os locais de importância histórica para a preservação da memória da campanha do Contestado, conforme Thomé (1986).



## DESENVOLVIMENTO

A metodologia empregada se baseou em pesquisas bibliográficas e visitas de campo, realizadas ao longo do ano de 2018 e 2019, sem financiamento público, portanto, contando com recursos próprios. Ao todo, foram instalados vinte (20) Marcos Históricos do Contestado espalhados por uma ampla área que abrangeu o conflito. Os monumentos são alusivos à importantes fatos relacionados ao conflito do Contestado como, por exemplo, a criação de redutos caboclos, quadros santos, combates e batalhas, acampamentos militares, vilas e cemitérios da época, enfim, locais de extrema importância para a preservação da memória de um povo.

Localizar e mapear os monumentos não foi trabalho fácil em função da dificuldade logística em deslocar-se até os locais, em sua maioria, estradas vicinais não pavimentadas e sem sinalização adequada. Em sua maioria, nas obras consultadas bem como mapas inseridos nelas, consta, em uma generalização, a menção das cidades atuais onde os fatos se sucederam, mas não uma localização dos Marcos Históricos do Contestado, sendo necessário, muitas vezes, a utilização de guias e entusiastas locais para se chegar a eles.

No município de Lebon Régis, no Estado de Santa Catarina, foram instalados no total quatro (04) monumentos alusivos à passagens do Contestado, sendo eles: Marco Histórico do Contestado – Reduto de Caraguatá, Marco Histórico do Contestado – Serra da Esperança, Marco Histórico do Contestado – São Sebastião do Sul e Marco Histórico do Contestado – Crematório de Perdizinhas.

A decisão de incluir essas localidades na plataforma digital foi pensada como parte de um processo de democratização ao acesso à cultura e a história, bem como, um mecanismo que facilite o desenvolvimento do turismo agora que os locais estão inseridos



em uma plataforma digital. Assim, possibilita-se o desenvolvimento de sistemas de sinalizações (placas, *folders*) e o aferimento de distâncias de forma a incrementar pesquisas, trabalhos acadêmicos, desenvolvimento turístico, projetos variados, enfim, uma gama de possibilidades a serem desenvolvidas com tais informações, até então, restritas apenas para a comunidade local e alguns entusiastas que serviam como guias para pesquisadores de fora da região. Agora qualquer um, de posse de um *smartphone* que tenha acesso a plataforma do *Google Maps* pode inserir, na barra de pesquisas, o seguinte termo: Marco Histórico do Contestado e escolher qual o local de interesse para a visitação, daí a ineditismo do presente trabalho.

Os monumentos históricos e a sua instalação deveriam seguir previamente um modelo elaborado pelo prof. Dr. Nilson Thomé no projeto inicial, cujo documento original se encontra arquivado no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, editado e arquivado com todo o zelo possível desde julho de 1986 e acessível para consulta mediante agendamento.

Passados mais de trinta anos muitos monumentos se encontram deteriorados, vandalizados, outros foram danificados, tiveram suas placas em bronze furtadas e ainda há aqueles que foram derrubados, o que nos faz refletir que essa terra, o Contestado, ainda é um lugar de disputas e tentativas de silenciamento. A escolha dos locais para a instalação dos Marcos Históricos partia da tentativa de preservar o patrimônio material e imaterial, lendo-se imaterial como sendo “a identidade do homem catarinense” já que os marcos deveriam dialogar com a população uma vez que deveriam ser colocados em locais de fácil acesso, tais como: cidades (preferencialmente em praças públicas), se em zona rural próximos de escolas ou igrejas e casas de moradores ou estradas movimentadas respeitando a localização dos antigos redutos ou de outros acontecimentos relacionados ao conflito, como batalhas e acampamentos.



A composição dos monumentos dar-se-á por um bloco monolítico, cortado de forma retangular, medindo 3.00 x 1.50 metros, com duas bases, também em pedra, de forma transversal e chumbadas em cada Marco Histórico. Haveria 07 placas de bronze, sendo que:

- A primeira placa de forma quadrada contendo o “Símbolo do Contestado” (desenho igual ao monumento já existente em frente ao cemitério de Irani) medindo 60x60cm;
- A segunda placa tem por medidas 50x80cm, de forma retangular na vertical e contém dizeres de, no máximo, 21 linhas, de 28 caracteres cada uma, com a explicação do sentido social da campanha do Contestado e a sua importância para o Estado;
- A terceira placa tem por medidas 60x60cm, de forma quadrada e contém o mapa da abrangência da região do Contestado, tal qual em 1916, e indica, com legenda, a localização de cada um dos vinte marcos localizados ao longo da região;
- A quarta placa que compõe o monumento tem por medida 60x30cm de forma retangular e faz menção aos 70 anos da assinatura do Acordo de Limites entre Santa Catarina e Paraná (1916-1986);
- A quinta placa tem como medida 25x25cm contendo o símbolo do governo catarinense com a inscrição do governo na época, “Esperidião Amim”, que buscava cumprir a sua proposta de “preservar a identidade e a história do homem catarinense”;
- A sexta placa tem por medida 20x10cm e tem a referência do “Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado – Fearpe Caçador”, proponente do projeto original;
- A última placa é diferente para cada marco, sendo semelhantes apenas nas medidas. A medida da sétima placa é de 50x80cm e busca explicar, dar



significado, a sua localização e ao acontecimento em cada um dos vinte marcos.

Os monumentos em Lebon Régis, mencionados no projeto original, fazem referência a passagem do Monge João Maria pelo sertão catarinense, localizado na Serra da Esperança. O outro monumento faz alusão ao Reduto de Caraguatá, a segunda cidade santa construída pelos sertanejos, o terceiro monumento faz referência à localidade de São Sebastião do Sul onde foi erguido uma guarda que, após ser tomada, serviu como hospital de sangue para as forças públicas e que hoje abriga a estátua de São Sebastião, remanescente do conflito. O quarto e último monumento faz menção ao Crematório de Perdizinhas.

O monumento que faz menção ao Monge João Maria na Serra da Esperança, região interiorana de Lebon Régis, enaltece, e muito, a fé do sertanejo pobre que vivia e vive nos confins do Contestado. Em praticamente todo o material ao qual obteve-se acesso nenhum ignorou o fator religioso, em todos eles sempre se aborda o fato de que a figura dos monges precedeu a eclosão do conflito social. Vários são os relatos e lendas, alguns abordados em uma série de documentários produzidos como, por exemplo, no documentário “A Maravilha do Século” da diretora Márcia Paraíso, lançado em 2019. Uma imagem comum do Monge se instalou no imaginário popular, sendo retratado como uma figura de barba longa e grisalha, de gestos simples e fala mansa, apoiado em um cajado. Tinha como costume recusar hospedagem em casas dormindo, quase sempre, na mata, a qual chamava de “casa verde” quase sempre próximo de fontes de água as quais ele benzia e, a partir disso, a “água santa do monge operava verdadeiros milagres”. Muitas vezes, os moradores próximos dos locais nos quais o “monge” pernoitava erguiam cruzeiros de cedro não falquejado que depois brotavam e viravam árvores, mais um milagre para a conta do Monge (QUEIROZ, 1966).



No sincretismo religioso da população cabocla esses locais “ficavam sagrados”, eram cercados, recebiam, e recebem ainda hoje,romeiros e fiéis em busca de milagres, episódios que não se limitam apenas a região do Contestado, como aborda a diretora Márcia Paraíso em seu documentário.

A figura mística do Monge no sertão caboclo acaba servindo como um elemento aglutinador, pois eles (os monges) preenchem uma série de funções e atribuições que o Estado e a Igreja eram omissos. Esse arrebatamento da população cabocla inseria uma certa desconfiança no seio das elites locais que não viam com bons olhos o papel de liderança dos Monges (AURAS, 1997).

Os Monges percorreram não apenas o oeste catarinense, como também a América Latina, mas aqui, no coração do Contestado, é que sua passagem ficou registrada por meio de um monumento lítico, assunto principal desta obra.

A passagem do Monge pela serra da Esperança, no município de Lebon Régis, foi inserida no projeto original do Prof. Dr. Nilson Thomé e hoje pode ser acessada por meio da estrada Lebon Régis, distante cerca de 15 quilômetros do asfalto da rodovia SC-350, podendo ser localizado o “pouso de São João Maria” pela barra de pesquisa da plataforma *Google Maps*, ao se inserir o nome do local como: “Marco Histórico do Contestado - Águas de São João Maria”, nas coordenadas: -26835816, -50646567.

No projeto original havia os seguintes dizeres elaborados pelo Prof. Dr. Nilson Thomé:

Respeitado e venerado pelos caboclos devotos, o profeta, o monge, o santo, o curandeiro João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus ou apenas São João Maria percorreu os sertões do Contestado até 1908, pregando a palavra de Deus, aconselhando os aflitos, abençoando bens e pessoas, medicando enfermos, curando doentes com ervas e plantas nativas. Sua passagem ficou marcada aqui na Serra da Esperança, neste “pouso de São João Maria” nos olhos d’água que abençoou, nas cruces que ergueu, nos cedros que plantou ou nos



pousos, deixando sua imagem gravada e perpetuada na tradição cabocla do homem catarinense (THOMÉ, 1986, p.47).

Abaixo, é possível ver que o Marco Histórico do Contestado – Águas de São João Maria encontra-se bem preservado, sinalizado e resguardado pela Associação Cultural Coração do Contestado, do município de Lebon Régis, que já inseriu sinalização e, por vezes, ao longo do ano, realiza caminhadas e visitas orientadas ao local onde a comunidade recebe os visitantes com um almoço típico caboclo, já inserindo a paragem como uma atividade turística que já vêm sendo desenvolvida.

**Foto 01** – Marco Histórico do Contestado Serra da Esperança, Lebon Régis, SC



**Fonte:** Acervo do autor.

Já o monumento do Reduto de Caraguatá, faz referência ao reduto que foi erguido após o ataque das forças públicas ao reduto de Taquaruçu, nesse contexto, os



caboclos voltaram a formar novo ajuntamento, um reduto que já estava em construção antes mesmo do ataque à Taquaruçu em fevereiro de 1914. No reduto de Caraguatá surgiu uma nova “virgem”, Maria Rosa, que compartilhava a liderança com Elias de Moraes, conforme destaca Machado (2004). Maria Rosa é descrita como uma jovem, de 15 ou 16 anos, que sempre montava um belo cavalo branco e vestia-se com roupas brancas e fitas. Como “virgem” procurou manter o comando sobre os “pares de França”. Diferentemente dos líderes “espirituais” anteriores, Teodora, Manoel e Joaquim, Maria Rosa não submetia suas ordens a um conselho, pelo contrário, transmitia as ordens diretamente nas reuniões para a “forma”, segundo Machado (2004).

Os caboclos suspeitavam que seria organizado um novo ataque e, com isso, passaram a organizar-se melhor, reforçando práticas que promoviam a coesão da população do reduto, bem como providenciando elementos para a sua defesa. É nesse contexto que surgem os “comandantes de briga”, liderados por Venuto Bahiano que passa a organizar “*piquetes chucros*” com o objetivo de garantir recursos para a “cidade santa”, além de organizar as chamadas “guardas”, que eram postos de vigia avançados nas cercanias do reduto. Para se inteirar da organização das forças de repressão nas cidades e vilas próximas passaram a fazer uso do “*bombeiro*”, uma espécie de espião.

Na expectativa de um novo ataque, os trabalhos na defesa e organização do reduto se intensificaram, novos facões e espadas de pau foram confeccionados. Algumas estratégias foram adotadas pelos caboclos visando engajar as tropas em um entrevero na mata, utilizando táticas de guerrilha, como bons conhecedores do terreno que eram.

E o ataque veio. Liderados pelo tenente-coronel Gameiro tropas do regimento de segurança de Santa Catarina tentaram investir contra o reduto (MACHADO, 2004). Os caboclos, em sua defesa, passaram a empregar franco-atiradores para fustigar o avanço das tropas, além de atrair os soldados para a mata, vestindo-se de mulheres, travando um



combate corpo-a-corpo onde se revelavam exímios esgrimistas. Empregando a guerra de movimento como estratégia, os caboclos conseguiram envolver a retaguarda das forças atacantes e atingiram o hospital de sangue. Na refrega, as tropas do governo tiveram 24 mortos, 21 feridos e 3 extraviados (MACHADO, 2004), após sete horas de combate foi dada a ordem de retirada. A força defensiva do reduto cumpriu sua missão de defender a “cidade santa” (AURAS, 1997).

A nova vitória da população sertaneja logo se espalhou pelo sertão e mais e mais pessoas passaram a se dirigir para o reduto. Novos piquetes foram enviados para várias direções e aqueles que dificultavam o comércio de produtos eram “considerados inimigos dos pobres e da santa religião, suplicados e fuzilados” (QUEIROZ, 1966).

Assim como ocorrera em Taquaruçu onde, por segurança, o menino Joaquim aconselhou a organização de um novo reduto, em determinado momento, a “virgem” Maria Rosa transmite uma mensagem em que previa que as forças de repressão tornariam a atacar “por isso José Maria lhe ordenara que providenciasse a mudança dos fiéis para os campos do Bom Sossego, em Pedras Brancas, há algumas dezenas de quilômetros a nordeste de Caraguatá” (AURAS, 1997).

Localizado no município de Lebon Régis, mais especificamente próximo de São Sebastião do Sul, o monumento que marca o local do reduto de Caraguatá pode ser acessado pela rodovia SC – 350 e encontra-se distante do asfalto por, aproximadamente, seis quilômetros. Como previsto no projeto original, o monumento está à beira da estrada, mas encontra-se danificado, sem nenhuma das setes placas originais. A sua localização no *Google Maps* pode ser encontrada se for realizada a busca por “Marco Histórico do Contestado – Reduto de Caraguatá” ou com as coordenadas: -26, 8324938, - 50, 7952546. Em sua placa original, havia a seguinte descrição:



I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO RURAL E RURALIDADES  
 XII CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL  
 III CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO  
 XXXVII SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL  
 "TEMPOS DE MUITO PASTO E POUCO RASTRO" NO MEIO RURAL

Nesta área em 1914 existiu o REDUTO DE CARAGUATÁ, onde Maria Rosa, de apenas 15 anos, projetou-se como a mais destemida líder guerreira à frente dos piquetes de São João Maria. Aqui, o exército sertanejo derrotou a força militar em combate realizado a 09/03/1914 causando-lhe muitas baixas. Este reduto foi arrasado por tropas da expedição Mesquita a 13/05/1914. Entretanto, os caboclos haviam iludido os soldados na véspera, dispersando-se pela região (THOMÉ, 1986, p.27).

Abaixo, uma foto do monumento demonstrando que o Contestado ainda está em guerra, uma guerra contra o abandono, uma guerra contra o esquecimento e que continua resistindo ao abandono proposital de uma elite que nunca o admitiu.

**Foto 02** – Marco Histórico do Contestado – Reduto de Caraguatá, Lebon Régis, SC



**Fonte:** arquivo pessoal



O terceiro Marco Histórico do Contestado é alusivo ao “São Sebastião do Contestado”, um dos ex-redutos da região que se localiza a poucos quilômetros de uma pequena comunidade chamada de Vinte e Seis, (26) nas margens da rodovia SC-350, entre Caçador e Lebon Régis.

Como em qualquer outra local, a paisagem do ex-reduto é bucólica. Uma planície praticamente vazia, salvo uma ou outra casinha de morador local. O acesso ao Marco Histórico do Contestado se dá pela mesma estrada de acesso ao ex-reduto de Caraguatá, mas com uma enorme diferença. Enquanto o Marco da Serra da Boa Esperança, que faz referência à passagem do monge João Maria pelo sertão, está limpo, sinalizado e bem preservado, o acesso tanto a Caraguatá quanto a São Sebastião é precário, com uma estrada não pavimentada e sem manutenção. A paisagem nas margens da estrada é marcada pela presença da plantação de pinus, que se estende por quilômetros, inclusive na localidade onde ficava o ex-reduto de Caraguatá.

No ponto mais alto da comunidade de São Sebastião uma capela moderna, feita de material, serve como abrigo para um dos artefatos mais importantes da guerra, a estátua original que esteve junto dos camponeses em suas “cidades santas”. Como que, por milagre, a estátua se conservou intacta frente aos constantes bombardeios, metralhas e fuzilarias que dominaram as cidades santas no final da guerra. Fraga (2015) afirma que a cancha de laço da comunidade, hoje destinada a confinar gado para o laço, em um passado não tão longínquo, “serviu como pista de pouso quando se empregou a aviação militar” na tentativa de localizar e bombardear os redutos caboclos.

Nesse ínterim, é de grande valia refletir o quanto a república passou a investir no conflito ao empregar aviões no início da década de 10, quando a aviação mundial ainda engatinhava. O emprego da aviação como máquina de guerra não se concretizou, uma vez que “no dia 1º de março de 1915, caiu o monoplano de Ricardo Kirk, que saíra



momentos antes de União da Vitória” com o objetivo de localizar os redutos e se possível bombardeá-los caracterizando, assim, um dos primeiros registros do emprego da aviação para fins militares na América do Sul, segundo Auras (1997).

Conforme destaca Fraga (2015) “chegar perto da imagem de São Sebastião utilizada pelos camponeses, constitui a primeira emoção [...]. Sentimos na pele e na alma a história e a Guerra do Contestado”, podendo identificar aspectos religiosos intensamente gravados na alma do cidadão sertanejo, seja o que habitou São Sebastião durante a guerra ou seja o sertanejo que habita hoje o Contestado e tem uma profunda ligação de fé com as crenças e costumes locais, fomentando um tímido turismo religioso, bem como, um tímido turismo de guerra relacionado ao emprego da aviação como arma de destruição.

Na localidade de grande importância histórica para a Guerra do Contestado, também é possível encontrar um monumento lítico instalado junto ao projeto original de 1986 e que se encontra bem preservado, diferente de seu “irmão próximo”, Caraguatá. Em São Sebastião, no monumento original, é possível ler a seguinte passagem:

Adeodato, Chico Ventura, Venuto Baiano, Chiquinho Alonso, Elias de Moraes, Olegário Ramos, Joaquim Germano, Bonifácio Papudo, Irmãos Sampaio, Praxedes, Castelhana, Sebastião Campos, virgem Maria Rosa, monge José Maria, Juca Tavares, Poli Caspina, Aleixo Gonçalves, Velho Eusébio, Alemãozinho, José Crespo, Carneirinho, Alves da Rocha, Groeber, Benedito Chato, Paulino Ferreira... estes e milhares de outros, na maioria anônimos, homens e mulheres, feridos, desiludidos, mortos, valentes, bandidos, chefes, presos, massacrados, fanáticos, crentes e fugitivos...perderam a guerra, mas ganharam a paz no Contestado. A eles, a homenagem dos catarinenses (THOMÉ, 1986, p. 65).

Abaixo, é possível ver uma imagem do Marco Histórico do Contestado e ao fundo a igreja que abriga a estátua original de São Sebastião, sendo possível localizar no *Google Maps* pelas seguintes coordenadas: -26,7910900, -50,7845019.



**Foto 03** – Marco Histórico do Contestado – Reduto de São Sebastião, Lebon Régis, SC



**Fonte:** arquivo pessoal.

O quarto e último monumento a ser abordado neste trabalho é, talvez, o monumento que mais causa espanto, pavor e repulsa quando se aprofunda o assunto. O Contestado, como conflito, aconteceu entre 1912 e 1916, quando finalmente os estados de Paraná e Santa Catarina firmaram o acordo de limites, acordo este assinado longe, muito longe, dos ainda fumegantes resquícios da guerra. Distantes do chão enlameado, pisoteado e profanado com o sangue de inocentes pobres. Distante dos massacres, das degolas e do genocídio (THOMÉ, 1992). Destaca-se isso pois, muito antes do Holocausto judeu chocar ao mundo a partir de 1944, com a libertação dos primeiros campos de concentração nazistas, aqui, no sertão catarinense, décadas antes, fornos crematórios fumegavam dia e noite dada a quantidade de mortos que o conflito causou.



O acesso ao “Crematório de Perdizinhas” se dá pela rodovia SC-350, onde há uma placa instalada pela Associação Cultural Coração do Contestado, da cidade de Lebon Régis. A placa, visível da rodovia, possui informações sobre o crematório, sobre o antigo cartório do município, bem como as suas distâncias. A estrada, como muitas do Contestado, não é pavimentada, mas está em melhor estado de conservação. Um ponto de contraste com os demais locais já mencionados é o fato de que, na região, há a existência de pequenas propriedades rurais que ocupam a paisagem.

No local, distante pouco mais de 03 quilômetros do asfalto, é possível encontrar um pequeno círculo de pedras que destoa das tradicionais cercas de taipas levantadas pelos caminhos de tropas. Segundo Fraga (2015) “é possível visitar dois locais onde o Exército brasileiro queimava corpos recolhidos pós-combates, ou apenas assassinados”. O silêncio no local tem um ar “sepulcral” mesmo estando na beira da estrada. O Marco Histórico do Contestado em Perdizinhas fica em uma propriedade privada que, nos últimos anos, isolou a área com uma cerca e um pequeno portão para facilitar o acesso ao local, evitando a entrada pela propriedade uma vez que, anualmente, são realizadas caminhadas de aventura pela região (atividades estas promovidas pela Associação Cultural Coração do Contestado), como uma forma de incentivar o turismo de aventura e o turismo de guerra no município.

Basicamente, todos os anos são realizadas atividades alusivas a Semana do Contestado no município de Lebon Régis, uma das cidades pioneiras na preservação da memória de um povo, pois as atividades não se limitam apenas ao círculo acadêmico, muito pelo contrário, as atividades envolvem todas as escolas (municipais e estaduais) e toda a comunidade, onde é possível ver o “orgulho de ser caboclo” entre os participantes.



A instalação de fornos crematórios (muito antes do regime nazista chegar ao poder) em território catarinense relaciona-se às fases finais da guerra, onde as rendições em massa passaram a se intensificar. Auras (1997) destaca que “os policiais dispunham de uma lista de nomes de caboclos que deveriam ser presos, a qualquer custo”. Nesse processo de rendição e captura dos prisioneiros nem todos eram alocados nas cadeias públicas, conforme continua a autora “uma primeira grande leva (de prisioneiros) foi dirigida até a localidade de Perdizinhas, onde o posto de comando das operações fora instalado. Desta leva, 81 foram afastados e fuzilados” (AURAS, 1997).

Cenas de fuzilamentos sumários foram repetidas nos dias seguintes além, é claro, dos milhares de corpos moribundos que eram encontrados nas beiras das estradas. Os corpos eram tantos que não havia homens dispostos a abrir valas comuns e, tamanho crime fora cometido, que buscava-se eliminar as evidências transformando-as em cinzas. Nessa fase da guerra Thomé (1992) destaca que: “registrou-se a parte mais sangrenta e de triste lembrança, quando as forças legais, em nome da lei e para impor a ordem a qualquer custo “limparam” a região abaixo de Santa Maria, quando os bandos de jagunços eram caçados e sumariamente fuzilados”. Um crime contra a humanidade.

O Crematório de Perdizinhas, foi a primeira localidade a ser encontrada, ainda em 2018, mas, por alguma razão na época, a plataforma não liberou a sua inserção. Novamente mapeado, fotografado e com a autorização local finalmente o lugar foi inserido na plataforma podendo ser encontrado ao se pesquisar no *Google Maps* os seguintes termos: “Marco Histórico do Contestado – Crematório de Perdizinhas” ou com as coordenadas: -26,8817922, -50,7248016.

Segundo informações de um dos membros da Associação Cultural Coração do Contestado, nos idos de 2010, uma árvore de eucalipto caiu com uma tempestade danificando o monumento. Tendo em vista a completa ausência de interesse pelo poder



público e pelo setor privado em restaurar tais monumentos membros da Associação Cultural Coração do Contestado realizaram a limpeza e sinalização com uma placa em madeira numa tentativa de manter sinalizado o local de tão trágicos acontecimentos para a história de Santa Catarina, ou até mesmo para a história mundial, tendo em vista a gravidade do ocorrido e a possibilidade de se estabelecer um comparativo com os crematórios dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Abaixo é possível ver o aspecto bucólico do Crematório de Perdizinhas:

**Foto 04** – Crematório de Perdizinhas, Lebon Régis, SC.



**Fonte:** arquivo pessoal.

Agora que os locais foram devidamente encontrados e inseridos em uma plataforma de fácil acesso e pesquisa é, que de fato, o trabalho pode se iniciar. Como mencionado, umas das maiores problemáticas para pesquisadores ou mesmos entusiastas no assunto é localizar e acessar os sítios históricos do Contestado. O seu abandono pode parecer proposital, e até se compreende, haja visto o que aqui aconteceu não uma guerra, mas sim um massacre em que opôs um exército profissional bem armado representando o Estado e suas elites (locais ou estaduais), apoiado pelo capital estrangeiro, que há muito



tinha interesse na exploração da madeira (abundante) na região e sertanejos, espoliados, expulsos de suas casas, de suas terras, chocando-se contra uma nova realidade, o capitalismo selvagem que adentrava o sertão catarinense. Uma releitura clássica da eterna luta de classes onde os camponeses levaram a pior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demarcados e inseridos na plataforma agora diferentes setores da sociedade podem fazer uso dos dados aqui inseridos, seja para preservar os monumentos, seja para desenvolver atividades conexas ao turismo como uma alternativa para a redução da desigualdade na região do Contestado, atividades estas que os municípios já começam a desenvolver, tendo em vista que nos últimos anos tanto Lebon Régis como Tímbó Grande realizam “caminhadas de aventura”, “passeios e visitas técnicas” guiando estudantes do ensino fundamental, do ensino médio, universitários, pesquisadores e a comunidade geral pelos confins do sertão caboclo.

A própria definição de turismo é abrangente, pois abriga, em sua concepção, uma série de atividades de diferentes segmentos, mas essencialmente não deixa de ser um lazer. O lazer proposto pelas paragens do sertão caboclo é um lazer único onde o sujeito é inserido em uma realidade rural (podendo desfrutar de costumes e práticas desenvolvidas pelo setor agrícola), assim como um turismo de aventura, por vezes associado ao ecoturismo, onde o sujeito pode desfrutar dos encantos das belas cachoeiras e dos inúmeros rios que cortam a região. Não obstante, o turista que por aqui passar pode mergulhar na história de luta e fé de um povo.

Sabe-se que o trabalho está diretamente conjugado com interesses econômicos e contribui para a geração de renda e o sustento de milhares de famílias, o que não se pode



ignorar é o fato de que o turismo (histórico-cultural) pode oferecer para a região mais uma alternativa para a redução das desigualdades, cabendo aos municípios e ao poder público o interesse em compor os “programas regionais de desenvolvimento do turismo” vindo a criar mais uma alternativa para a geração de renda para as classes menos favorecidas e que sofrem as consequências do conflito.

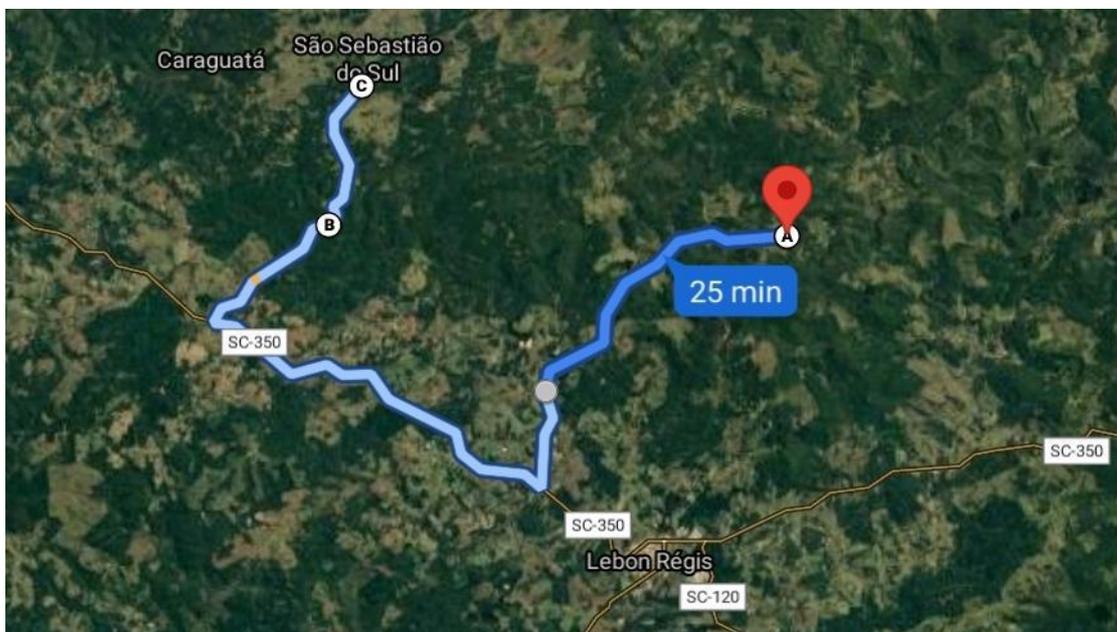
Além de abranger as áreas já citadas, o turismo tem a capacidade de ser um mecanismo de impulsão social, se bem planejado, e é aí que as informações contidas neste trabalho podem contribuir para planejamentos vindouros. De posse de tais informações, tanto o setor público quanto o setor privado podem iniciar projetos para salvaguardar a memória de um povo, pois antes a principal dificuldade era localizar e acessar, agora, as informações estão disponíveis e acessíveis possibilitando o desenvolvimento de panfletos informativos (*folders*) que podem ser distribuídos em museus ou estar acessíveis em postos de combustíveis, ou mesmo em restaurantes, dada a ausência de uma “casa do turista” na maioria dos municípios. Ainda, identifica-se que é possível criar uma série de passeios guiados pela região que necessitariam do apoio do poder público para a melhoria das vias de acesso, o que também seria algo positivo ao pequeno produtor rural pois facilitaria o escoamento da sua produção.

Falar em acessibilidade aos sítios históricos ainda é um desafio enorme, levando em consideração que já se passaram mais de 100 anos do conflito e muito foi perdido, mas o que torna esse artigo relevante, e essencial, é a disponibilidade da localização dos Marcos Históricos do Contestado em uma plataforma digital, condizente com a tecnologia do século XXI, com o acesso rápido e prático, com a informação na palma de sua mão através de um *smartphone*. Abaixo, é possível averiguar o resultado da pesquisa ao se inserir na barra de pesquisas do *Google Maps* a busca pelos Marcos Históricos do Contestado, sendo o “ponto A” o Marco Histórico do Contestado na Serra da



Esperança, o “ponto B” designado como sendo o Marco Histórico do Contestado no Crematório de Perdizinhas, o “ponto C” faz referência ao Marco Histórico do Contestado no Reduto de Caraguatá e, por último, o “ponto D” é alusivo ao Marco Histórico do Contestado do Reduto de São Sebastião, como é possível observar abaixo:

### Mapa de localização dos Marcos Históricos do Contestado em Lebon Régis, SC



Fonte: Acervo do autor, (Google Maps, 2021).

O primeiro passo foi dado, os locais foram enfim localizados e suas informações tornadas públicas em uma plataforma de localização tão abrangente como o *Google Maps*. Cabe agora aos diferentes setores da sociedade averiguar a sustentabilidade e dimensionar novos projetos turísticos para a região do Contestado contemplando, assim, o turismo como uma alternativa para a redução da desigualdade.



## REFERÊNCIAS

**Arquivo Histórico do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, Caçador Santa Catarina:** Projeto: Marcos Históricos do Contestado - Nilson Thomé, Museu do Contestado, Fearpe, Caçador, 1986.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade Cabocla.** 3ª edição – Florianópolis; Ed. UFSC, 1997.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da morte: o Contestado visto e sentido “entre a Cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná.** 2ª edição – Blumenau; Ed. Hemisfério Sul, 2015.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** 3ª edição – São Paulo; Ed. Brasiliense, 1983.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)** – Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.

THOMÉ, Nilson. **Ciclo da madeira; História da devastação da Floresta da Araucária e do desenvolvimento da Indústria da Madeira em Caçador e na região do Contestado no século XX.** Caçador; Universal, 1995.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, suor e lágrimas no chão Contestado.** Caçador: INCON Edições/UNC, 1992.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado.** 4ª edição – Chapecó, SC: Argos, 2016.

VALENTINI, Delmir José. **Memórias da Lumber e da Guerra do Contestado.** Porto Alegre: Letra&Vida: Chapecó; Ed. UFFS, 2015.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916.** São Paulo: Ática, 1966.